

A Propósito de um convite: vida, filosofia e arte

Miriam Costa Cordeiro

1. Acerca do Convite

O intuito deste texto é apresentar algumas idéias do pensador cearense Farias Brito (1862-1917), a respeito da arte e sua relação com vida e filosofia. Antes, porém, devo situar o leitor, no contexto que animou esse intuito, bem como adverti-lo do método que aqui empregarei.

Dias antes de tomar conhecimento deste evento Poéticas da Criação, lembro de estar a passos marcados a caminho de algum lugar específico quando fui “convidada” através de uma pintura que estava atrás do vidro da porta principal da Galeria de Arte da UFES, inesperadamente, a entrar. De repente, estar em contato com aquelas pinturas de Hélio Coelho (2007) que retratavam repetidamente pequenas imagens, e entre elas pequenas surpresas, foi um convite à suspensão. Especialmente uma dessas pinturas resgatou instantaneamente algumas leituras do pensador Farias Brito. O movimento era de convergência: tanto esta pintura resgatava idéias desse pensador, como as idéias, abriam cada vez mais o horizonte de compreensão da pintura. Algo no presente fez viver o passado, algo trouxe à lembrança, inesperadamente via objeto (obra), idéias. As considerações de Farias Brito foram colhidas no palpitar de uma lembrança.

É dessa experiência que provém o conteúdo e o método deste trabalho. Por isso, acredito que seria uma traição à força de suscitar do pensamento de Farias Brito resgatá-lo sistematicamente, de modo exegético, o que seria sempre menos que a obra dele mesmo. Decidi, como método, fazer um recorte e trazer algumas considerações desse pensador sobre esses assuntos do modo como elas foram re-tecidas em uma experiência peculiar de lembrança no instante de uma contemplação de arte, sendo essas lembranças, pontos de irradiação da pesquisa nos livros *A base Física do Espírito e O Mundo Interior do filósofo cearense*.

2. Vida

Uma pintura muito instigante da exposição de arte, que o autor preferiu deixar sem nome é uma grande tela clara com vários riscos pretos, dando voltas em todo espaço, e inclusive sobre si mesmos. No centro, com surpresa, encontramos dois olhos que parecem imitar Leminski quando diz “[...] de dentro de meu centro este poema me olha” (2007). Demorando, refletindo, percebemos feições de um grande rosto e de outros pequenos, possivelmente, nós mesmos.

A idéia que essa pintura resgatou foi, melhor

dizendo, uma *questão* britiana: “[...] Para a realidade o que se pode conceber de mais alto é a vida. Mas, para a vida o fim necessário é a morte. Como explicar uma coisa em face da outra?” (BRITO, 2006a, p. 118). Qual é o sentido da vida frente ao fim certo da morte?

É de se supor que cotidianamente não nos perguntemos, vivamos apenas, seguros do chão e do corpo. Mas algumas vezes, quando, por exemplo, estamos em contato com o desconhecido através da morte de entes queridos, nos perguntemos afinal: qual o mistério que encerra nossa existência? Farias Brito fala que talvez resida no nosso temor (reverência e receio) a esse mistério o respeito aos mortos, que muitas vezes é até maior que o nosso respeito pelos vivos. A vida é uma tensão: ao mesmo tempo é o que temos de mais valioso e de mais frágil e fugaz. A morte é o “mistério dos mistérios”, pois, sendo a cessação da consciência é o fim de todo afeto, emoção, esperança, conhecimento e percepção. “Que significação tem essa luz passageira, essa sombra indecisa e vaga, esse sopro aparente de vida no oceano infinito do cosmo? É a pergunta que encerra o problema da morte” (BRITO, 2006a, p. 119).

O pensador cearense, diante desse mistério, rejeita o desespero, rejeita pensar a vida como um caos sem destino. Sua filosofia é justamente a busca de um sentido, da verdade que orienta nossa existência. Seguia o exemplo de Sócrates que dizia que “filosofar é aprender a morrer” (SÓCRATES, apud BRITO, 2006a, p. 119). Sendo a morte a lei definitiva da vida, cabe ao homem durante a vida aprender a morrer. Como se dá esse aprendizado? Ele se completa, ou seja, tem um “fim”, um limite? Estas são algumas questões que iniciam a relação entre vida e filosofia.

3. Filosofia

Segundo Farias Brito, o caminho a ser percorrido, partindo da questão do sentido da existência, é a introspecção. Esse caminho de busca interior leva ao conhecimento do homem em sua significação mais profunda, em seu ser pensante, racional e moral que, por sua vez, torna aquele que conhece uma energia mais intensa. A esse caminho que tem como *têlos* o desvelamento do lugar do homem na ordem do mundo, nosso pensador dá o nome de psicologia. Não se trata de uma psicologia dos comportamentos exteriores do homem, tão pouco de uma “psicologia sem alma” (empirista, positivista), mas antes de uma psicologia infinita, transcendental, que Brito identifica com a filosofia. “A filosofia é a psicologia [transcendental], a ciência do espírito” (BRITO, 2006b, p. 99).

Segundo nosso pensador, a psicologia deve ser um caminho do homem em direção à compreensão da força que o move e que determina sua existência, uma força de vida que é um grande mistério posto seu fim abrupto e obscuro. A essa força de vida Farias Brito dá o nome de espírito. O espírito se manifesta em nós como consciência, percepção, inteligência, energia capaz de sentir, pensar, querer e agir (BRITO, 2006b). Para conhecê-lo, não temos que abraçar teorias abstratas, alheias a nossa experiência, que digam respeito de forma lógica ou materialista ao mundo das coisas exteriores. Farias Brito faz um apelo justamente ao contrário, à evidência que se dá quando voltamos para nossas próprias experiências e significações. Na psicologia “[...] o que se deve conhecer e interpretar é não o arquivo, mas o próprio arquivista” (BRITO, 2006b, p. 95). Trata-se da mais antiga das ciências, segundo Brito, porque

existe desde que existe o primeiro homem e de uma ciência que “[...] não se aprende nos livros, mas na luta mesma da vida: é uma ciência que, por assim dizer, não se aprende, mas vive-se” (BRITO, 1951, p. 25). Por isso, deve-se atentar para a identificação que o pensador faz entre filosofia e psicologia. O mistério do mundo se desvela ao homem por meio da observação interior. A consciência é a origem de toda verdade (GUIMARÃES, 1979).

A psicologia não diz respeito às leis da matéria, mas sim ao mundo interior, da consciência e do espírito. A morte, segundo Brito, é um fenômeno do espírito, e não da matéria (que se transforma, não morre). Portanto, a psicologia, que tem como tarefa preparar o homem para a morte, é uma ciência do espírito. Como tal, sua lei é a liberdade. Nas palavras de Brito: “A liberdade – eis realmente o fato decisivo que marca a separação absoluta entre o espírito e a matéria” (BRITO, 2006b, p. 93). Sendo o homem regido pela liberdade, segue-se que ele é imprevisível e que nessa abertura do possível que é seu lugar originário, deve criar a si mesmo.

A criação, antes de ser um atributo ou dádiva apenas dos artistas e gênios, é uma tarefa que se impõe a cada consciência que se pergunta pelo seu sentido e se vê jogada em um mistério de proporções infinitas. Na vida nada está pronto, tudo é imprevisível, todo dia é uma surpresa, um por-fazer que aponta desde e para um conhecimento de si mesmo como criação.

E realmente viver é criar. Mas é preciso, além disto, reconhecer que criar é ser livre; o que só por si faz patente que há alguma coisa na vida que escapa a toda determinação. É a razão por que toda a vida começa envolvida em mistério, e termina, do mesmo modo, envolvendo-se de novo no mistério. É como uma luz que, brilhando um momen-

to na escuridão do infinito, apenas deixa perceber a profundidade do abismo. Mas, sempre que brilha, essa luz faz nascer a esperança de que se transformará em clarão que fará ver mais a fundo e mais longe. É que a vida é força criadora, e por isto o que a caracteriza na sua evolução é o imprevisto. Assim cada fase nova que nela se apresenta é uma coisa inteiramente nova e apresenta-se como se fosse uma criação do momento (BRITO, 2006b, p.94)

A filosofia que move essa criação é o amor a esse conhecimento do infinito do homem e do mundo. Justamente porque seus “objetos” não podem ser determinados, resolvidos, a filosofia é *amor* ao conhecimento, e não posse. “[...] Como o todo é infinito, daí resulta que a filosofia é também, por sua vez, uma idéia infinita e, por isto, jamais poderá tornar-se definitiva e completa” (BRITO, 2006a, p.108). Trata-se de uma atividade permanente do espírito interrogando e buscando sempre novamente explicar a realidade e o papel do homem no mundo, a finalidade de sua existência. Sua finalidade é estabelecer o governo do homem sobre si mesmo. Esse caráter de incompletude que nos isca como uma necessidade irresistível, e que só pode se aproximar mediante amor é uma primeira abertura para relacionarmos filosofia com arte.

4. Arte

Parece-me que podemos viver este infinito do mistério do mundo e da *práxis* filosófica na experiência da contemplação estética. Como não pensar esse movimento permanentemente renovado como o demorar-se na atração da obra, um encanto, um encontro? Não é a interpretação da obra algo que nunca se fecha? Não é nisso que consiste a “arte” da obra? Não seria a obra de arte um pequeno caminho

aberto? Uma abertura ao espanto? Tal como a vida, nasce no mistério e morre no mistério; está sempre (no sempre dos mínimos instantes de contemplação e no sempre dos esquecimentos e lembranças no tempo) por se construir, por ser resignificada, transcendida, recriada, renovada.

Como o pensador que estamos estudando teceria uma relação entre arte e filosofia?

Segundo Farias Brito, o espírito não é uma energia passiva, mas um princípio vivo de ação, um poder, “[...] uma força criadora, que não só tem a faculdade de emocionar-se em face do poder soberano da natureza, como, ainda, de criar alguma coisa de novo, aumentando [...] pelas produções e pelas maravilhas da arte” (BRITO, 2006b, p.86). A filosofia estuda essas manifestações do espírito, mas não se confunde com a arte no pensamento britiano. Decerto, em *A Base Física do Espírito*, livro publicado em 1912, ele diz: “A arte, por mais poderoso que seja seu encanto, não pode satisfazer [...] as exigências do espírito humano [...] não nos satisfaz a libertação pelo refúgio do sonho, mas somente a resignação pela compreensão da verdade [...]” (BRITO, 2006a, p. 118). Nesse momento Brito adverte que a filosofia deve se dirigir à verdade e a constituição de um ideal moral que responda aos anseios e sofrimentos dos “[...] que padecem da anarquia a que se acha reduzido o mundo moderno, aos que sofrem e aos que têm sede de justiça” (BRITO, 2006a, p. 116). Para tanto, esclarece: seus instrumentos serão a lógica e o raciocínio, não a imaginação da arte. Para Brito, a arte é uma ilusão que pode fazer com que nos elevemos de forma tão leve que a queda se torna maior.

[...] o mundo dos poetas e dos artistas se nos apresenta, de tal modo, como uma espécie de asilo sagrado, onde nos refugiamos contra as preocupações com que nos oprime a realidade dura e inclemente, elevando-nos, por momentos, mas em todo caso, com suave repouso e delicioso alívio, à concepção de uma realidade melhor e mais perfeita [...]. mas, por mais belo que seja o sonho, com o despertar vem a desilusão (BRITO, 2006a, p.118).

Bem, esse é um “grão mais vivo” (MELO NETO, 2007), que por hora deixarei em suspensão: a arte propicia uma queda maior? É sempre refúgio? E a arte crítica? Nesse momento, deixarei o grão como grão. De qualquer forma, podemos tentar compreender Brito através de sua história. Para ele a vida é luta e sofrimento. Talvez, a origem desse pensamento seja algo de comum a todos os homens, talvez seja visão de um pensador que via os problemas de seu tempo criticamente, e cuja origem humilde e adversidades da vida parecem ter sido bastante penosas.

Em seu livro *O Mundo Interior*, publicado dois anos após *A Base Física do Espírito*, portanto, em 1914, Farias Brito parece, no entanto, pincelar novas nuances em sua compreensão sobre a relação arte-filosofia. Logo no início ele destaca a importância dos personagens literários para a psicologia transcendental, como meios de se chegar às aspirações e sonhos do próprio artista que os criou, constituindo um poderoso instrumento de análise psicológica.

Nós já ressaltamos até aqui a importância da introspecção, da visão interior de uma consciência sobre si mesma, mas não ressaltamos ainda que esse sentido Brito o classifica como introspecção direta. Cabe ainda outro tipo de introspecção, esse último possível na observação dos personagens de livros, por exemplo, chamada de introspecção indireta. Se

só existisse a introspecção direta cairíamos em um solipsismo, no entanto, por meio da introspecção indireta podemos observar as consciências de outros homens. Isso é possível pela observação exterior de idéias objetivadas em fatos, como as línguas, as produções artísticas, o direito e a religião (BRITO, 2006a, p. 320). A introspecção indireta é de suma importância, já que não apenas completa a direta, mas “[...] lhe dá mais força e valor, pois por ela verifica cada um em outros indivíduos os mesmos fatos que se passam em si mesmo, e dá assim confirmação objetiva à realidade de sua própria consciência” (BRITO, 2006b, p.371). Podemos, seguindo algumas indicações de Aquiles Cortês Guimarães (1979), relacionar introspecção indireta e a inter-subjetividade da busca do ideal.

Brito parece, como começamos a ver, ser mais conciliatório com a arte em seu livro *O Mundo Interior*. Os poetas romancistas e artistas, assim como os filósofos, embora com suas particularidades de método, “[...] procuram interpretar o lado profundo da realidade, esforçam-se por dar o sentido do que se poderia chamar a alma das cousas” (BRITO, 2006b, p.79), buscam transcender a materialidade a nossa volta, interpretando o mistério de nossa existência.

A arte, assim entendida, é tudo o que pode causar uma emoção estética, tudo o que é capaz de emocionar suavemente a nossa sensibilidade, [...] dando-nos a visão de uma realidade mais alta e mais perfeita, transportando-nos a um mundo novo e estranho, onde se aclara todo o mistério e se desfaz toda a sombra, e onde a própria dor se justifica como revelação ou pressentimento de uma volúpia sagrada. É, em conclusão, a energia criadora do ideal (BRITO, 2006b, p.91)

O ideal é o destino e o sentido que o homem procura por meio da filosofia. Trata-se, como vimos de uma busca infinita, tarefa sempre por fazer, que se lembrada com constância, constitui o governo do homem sobre si mesmo. Nas palavras de Brito, o ideal é “[...] o sonho da perfeição, e este sonho envolve toda a verdade e toda a justiça e toda a virtude e todo o amor; numa palavra tudo que há de mais alto e mais puro na natureza humana” (BRITO, 2006b, p. 91). Por isso, “[...] de todas as produções do espírito, a arte é a mais humana e a mais essencialmente espiritual” (BRITO, 2006b, p. 91). O que nos comove na arte, causando uma emoção estética é justamente o elemento espiritual, humano, o “invisível” no visível da obra.

[...] o que produz efeito estético, é o elemento humano que aí se introduz. É de onde vem também o seu mais extraordinário poder; como se o destino da arte fosse animar a natureza, dar sentimento e percepção ao inconsciente, amor e piedade, comoção e paixão, ao próprio elemento morto que se fixou e esterilizou na dureza e na imobilidade da rocha. É deste modo que a arte dá linguagem às ondas e ao rochedo, às folhas das árvores e ao sopro do vento, à montanha e à planta, à nuvem e às estrelas. É até do silêncio e da paz inviolável e morta dos sepulcros, faz com que se evolem palavras misteriosas, como para provar que ainda na rigidez gelada do cadáver, como na sombra e na mudez emocionante das catacumbas, palpita a vida (BRITO, 2006b, p.91)

Após tão envolvente discurso de Brito, voltamos ao início: ao caráter infinito da vida e à irremediável imperfeição da filosofia (psicologia). É aqui que Brito faz um elogio à arte, essa “psicologia instintiva e profética, como uma segunda visão da vida, obra do sentimento e da paixão, ao lado da psicologia verdadeira e natural [...] obra consciente da

inteligência [...]” (BRITO, 2006b, p. 92).

[...] em auxílio do trabalho da ciência [psicologia], sempre imperfeita, sempre deficiente e incompleta, necessário é que venha a inspiração da arte, dando mais vigor e mais fé à orientação da inteligência, com a visão subconsciente, mas luminosa, do instinto. É a arte, pois, que cabe fornecer o ideal que deve impulsionar o trabalho do espírito em sua jornada ao desconhecido. Vê-se assim que a arte é, por essência, a energia criadora do ideal [...] (BRITO, 2006b, p.95 e 96)

Concluo com uma citação de Ferreira Gullar que finalizava (sem a indicação de sua autoria) o texto explicativo da exposição de Hélio Coelho (2007) que, por sua vez, deu origem a este encontro (um entre tantos possíveis) entre vida, arte e filosofia: “Uma parte de mim é só vertigem: outra parte, linguagem. Traduzir uma parte na outra parte — que é uma questão de vida ou morte — será arte?”.

Notas

Miriam Costa Cordeiro é bacharel em Administração pela Universidade Federal do Espírito Santo. Atualmente é estudante de graduação em Filosofia e bolsista de iniciação científica na área de Filosofia Antiga pela mesma universidade.

*Dedico este texto ao Vitor, que ilumina bons caminhos.

*Agradeço a amigável disposição e preciosas orientações do professor Antônio Vidal Nunes.

Referências

BRITO, Farias. A Base Física do Espírito. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006a.

_____. O Mundo Interior: ensaio sobre os dados gerais da filosofia do espírito. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006b.

COELHO, Hélio. [sem título], 22 de março à 30 de abril de 2007, exposição de pinturas na Galeria de Arte Espaço Universitário da UFES.

GUIMARÃES, Aquiles Cortês. Farias Brito e as origens do existencialismo no Brasil. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

LEMINSKI, Paulo. Eu. Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/pl.html>>. Acesso: 1 de maio de 2007.

MELO NETO, João Cabral de. Catar Feijão. Disponível em: <<http://www.germinaliteratura.com.br/jcmn.htm>>. Acesso: 1 de maio de 2007.